

estranhas à vozeria excitada de todos os manifestantes. Não há nada que possa abalar sua convicção de que o "processo amável da evolução" nunca fomentará progressos apreciáveis e que, por conseguinte, não há outro meio de libertar os pobres de sua miséria senão a luta mais encarniçada, prosseguida além de todas as vitórias aparentes. Fica convencido que o proletariado não se poderá reerguer antes de ter feito estourar radicalmente e saltar pelos ares toda a "superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial".

Quando, alguns meses mais tarde, Marx comenta a ruína de todas essas ilusões reformistas na sangrenta "batalha de junho" do ano de 1848, suas frases mal ocultam um tom de triunfo. E' o triunfo do homem que viu aproximar-se tudo aquilo desde o começo e nunca compartilhou do desvario pacífico de que os outros foram tomados: "Os foguetes luminosos de Lamartine se transformaram nos foguetes incendiários de Cavaignac. A "Fraternité" das classes opostas, uma das quais explora a outra, essa "Fraternité" proclamada em fevereiro, escrita em letras maiúsculas na frente de Paris, em cada presídio, em cada quartel — sua expressão verdadeira, não falsificada, prosaica, soletra-se "guerra civil"; guerra civil sob sua forma mais terrível, a guerra do trabalho e do capital. Essa fraternidade flamejou de todas as janelas de Paris na noite do 25 de junho, quando a Paris da burguesia se iluminava, ao passo que a Paris do proletariado ardia, vendo seu sangue correr em borbotões e soltando gemidos de dôr. A fraternidade durou justamente todo o tempo em que o interesse da burguesia se confundira com o interesse do proletariado".

Outrossim, nesse epílogo pavoroso do sonho de reconciliação de 1848, Marx divisa um outro passo dado a favor da "união dos operários, que progride cada vez mais" e, pelo mesmo motivo, um passo que torna mais próxima a grande luta final entre capital e trabalho e a destruição da "mãe" pelo próprio fruto de suas entranhas.

*
* *

Super-produção, super-oferta, desemprego, compressão dos salários, êses choques repetidos que, desde o começo da era industrial, abalam a ordem econômica e precipitam os homens por centenas de milhares na miséria, transportaram o sentimento da ameaça divina da esfera sobrenatural para o terreno econômico. O mesmo arbítrio incompreensível ao qual se via entregue o homem das épocas primitivas, quando as potências divinas se intrometiam no seu destino, lhe mandavam o raio à sua casa, a chuva de pedras às suas searas, surge agora, com a mesma incompreensibilidade, do terreno dos interesses harmônicos da economia, neste século privado de deuses, materializado e concretizado. Encontra o homem num estado idêntico de inocência e de desamparo e abandona-o impiedosamente à fome e ao desespero.

Enigmáticas e indóceis como os demônios, que o medo das gerações primitivas acusara de todas as desgraças, as potências da vida econômica ameaçam agora o homem, insinuam-se subrepticiamente na sua existência e fazem-no tremer numa angústia cega e impotente. Laços misteriosos prendem os pobres aos ricos, os lidadores aos ociosos, e inútil se torna toda revolta do indivíduo contra o destino que seu Fatum lhe reservara como quinhão dentro desse emaranhamento inextricável.

O economista inglês David Ricardo foi dos primeiros a reconhecer que, se os ricos se tornam mais abastados graças à máquina, isso não representa melhoria alguma para os pobres. Pelo contrário, o progresso de uns não se opera senão à custa do retrocesso correlato de outros. Ricardo pensa descobrir nisto a ação duma estrita lei natural, que, imperando universalmente como a gravidade, arrasta irremediavelmente à miséria as classes inferiores da sociedade, até alcançarem o limite extremo de privação que apenas lhes vai ainda permitir vegetarem escassamente. Do mesmo modo que Ricardo, Charles Hall chega à conclusão de que a máquina, ao enriquecer alguns, pelo mesmo fato, atira, cada vez, as multidões mais fundo na miséria. Luiz Gall não tarda a fazer a mesma verificação na Alemanha.

Porém, o que até então era tido por uma crueldade incompreensível duma lei natural cega, revela-se ao espírito de Marx, discípulo de Hegel, como processo evolutivo sensato, destinado a levar a determinado fim, como fase antitética duma evolução dialética em cujo curso, tese e antítese, depois de um último paroxismo, se resolvem na síntese.

Miséria, exploração, opressão, tudo isto sucede para gerar por si mesmo o seu contrário, para ser dominado por êle e ambos juntos fundirem-se ao realizar a harmonia. As mesmas forças históricas que constantemente agravam a opressão, a exploração e a miséria, produzem ao mesmo tempo uma resistência cada vez maior, uma revolta crescente e levam assim diretamente o mundo à revolução, que trará a salvação. Por conseguinte, a depauperação não se reduz a uma rígida lei natural estática, mas representa um processo antitético em cujo termo se encontra a grande síntese.

O que rege a prosperidade dos ricos e o depauperamento paralelo dos pobres, ambos aparentemente de origem arbitrária e divina, é, pois, um senso superior — a lei evolutiva da acumulação do capital. A exploração de que o operário é vítima é necessária — nela se exprime a lei da produção da mais valia. Fortuna e miséria — mesmo que se tratasse da mais impudente fortuna e da mais insuportável miséria — já não significam um tormento imposto arbitrariamente a êste ou a aquele, e sim a manifestação duma sublime dialética histórica.

Esta tem afinal de trazer a redenção de todos, a supressão de toda miséria por todo o mundo. Mercê do conhecimento dêste pro-